

Crescimento chinês melhor que o deles

Marcelo Néri

Centro de Políticas Sociais do IBRE e da EPGE



Sadraque Santos / Imagens do Povo

Lembro-me quando coloquei pela primeira vez, há 12 anos, um par de óculos ajustados para miopia. A minha sensação de começar a perceber a profundidade e clareza das coisas ao meu redor foi indescritível. Olhava maravilhado os contornos do mundo à minha volta, bem mais sutis e interessantes do que eu percebia até então. Similarmente, as possibilidades de enxergarmos os detalhes de nossa sociedade têm evoluído ao longo do tempo. Um marco importante neste processo foi a decisão do IBGE, em 1995, de disponibilizar os microdados de suas pesquisas de forma concomitante com a liberação de tabelações e relatórios do Instituto. Este pequeno grande passo conferiu a cada um a liberdade de olhar para os dados sociais brasileiros desde uma perspectiva própria, e não pré-formatada.

A independência e a transparência de instituições oficiais como o IBGE e o Ipea são hoje tão importantes quanto à do Banco Central. Atualmente, a cada PNAD e Caged, entre as muitas siglas desta maravilhosa sopa

de letras e números, a sociedade brasileira debate as suas conquistas e percalços com mais propriedade e interesse. O ambiente mais democrático em termos políticos e de acesso à informação propiciado pela chamada era da informação e da comunicação, contribuem para a transparência e lisura do debate social. Lembro-me de ler no *New York Times*, em 1994, mais ou menos na mesma época que fui introduzido aos óculos, matérias sobre assuntos da sociedade como os determinantes do desemprego das mulheres ou do peso das crianças, eu pensava comigo quão distantes disto estávamos então no Brasil. À época pensamos acima e antes de tudo na inflação nossa de cada dia que distorcia nossos sentidos e preocupações.

As conquistas de acesso à informação passam por avanços contínuos e saltos discretos apresentados acima como a estabilização, a abertura pública de informações, a invenção da internet (dizem que o Al Gore foi o autor também desta façanha), etc. Eu estou particularmente

excitado — esta é a palavra — com as possibilidades propiciadas pelas lentes de última geração de pesquisas internacionais do qual o *World Survey* da *Gallup*, talvez seja o melhor exemplo. Esta nova safra de pesquisas carrega duas inovações importantes. Em primeiro lugar, aplicam um mesmo questionário a amostras representativas de mais de 130 países, propiciando comparabilidade global com a flexibilidade oferecida pelo processamento de respostas individuais (microdados). A outra novidade é sobre o tipo de pergunta que se faz, lado a lado com as perguntas tradicionais de *surveys*. Pergunta-se diretamente sobre subjetividades individuais e coletivas; sejam locais, nacionais e globais. Permitindo mergulhar sobre como as pessoas formam suas aspirações, atitudes e expectativas, começando o longo questionário pelo nível percebido de felicidade pelo entrevistado, passando por avaliações sobre a situação do sistema educacional nacional e chegando a avaliações sobre a economia local das cidades onde vive o entrevistado. Esta pesquisa permite dar consequência à visão do nosso saudoso geógrafo, e cidadão do mundo, Milton Santos: “O homem não vê o universo desde o universo mas vê o universo desde um lugar.” E não era apenas à geografia que o célebre brasileiro parecia se referir.

Salto — O Centro de Políticas Sociais (CPS/IBRE/FGV) foi selecionado com outras instituições latino-americanas, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para ajudar na digestão — esta é a palavra — da safra global de dados do Gallup. Este ambicioso projeto marcará a celebração dos 50 anos do BID e tem como objetivo central trazer ao epicentro dos debates, a qualidade de vida vista por quem interessa: as pessoas por elas próprias. Detalhamos aqui em caráter preliminar alguns destes dados, sem implicar qualquer uma das instituições envolvidas na empreitada. Em primeiro lugar, e mais importante, como está o nível percebido de satisfação pela vida dos brasileiros hoje (na verdade, em 2006) vis-à-vis aos demais habitantes da aldeia global? Numa escala subjetiva de zero a dez pontos, os brasileiros se dão uma nota média de 6.61 contra 5.25 do resto do mundo e 5.64 do conjunto da América Latina. Para efeito de comparação, os Estados Unidos ficam com 7.09 contra 7.15 da Bélgica e 5.27 da Índia, referências recorrentes no debate social brasileiro. O recordista mundial de felicidade é a Dinamarca com 7.98 e o país lanterna é o Chade, na África, com 3.36.

Agora, como a felicidade evoluiu nos últimos cinco anos no mundo? Ela passa de 4.84, em 2001, para os 5.26, em

Os brasileiros esperam mais felicidade em 2011 do que os dinamarqueses, ocupando o podium mundial de 132 países. Por quê?

2006. Ou seja, os cinco primeiros anos do milênio foram de avanço considerável e consistente com a expansão da economia mundial. Note-se que a mesma pergunta apontada para 2011 indica um valor 6.0 para o mundo. Ou seja, quando comparamos como nos enxergamos cinco anos atrás com cinco anos à frente esperamos um crescimento de 25% no nível mundial de felicidade percebida, sendo 2/3 do avanço esperado para a segunda metade da década. Este cenário positivo está em xeque hoje pelas turbulências recentes dos mercados. O que me tranqüiliza é que o presidente do FED, Ben Bernanke, que conhece mais do que ninguém que eu conheça, o papel de problemas de crédito na propagação de uma recessão.

No que tange à perspectiva esperada de felicidade para daqui a cinco anos, o Brasil supera todos os demais 130 países da amostra com uma nota de 8.24. Ou seja, na visão dos próprios brasileiros — e não do pesquisador que vos escreve — estaremos mais felizes, em 2011, do que os dinamarqueses que ocupariam o segundo lugar no podium com 7.86. O menos otimista quanto ao futuro são os paraguaios com 4.08. Obviamente, nosso resultado pode ser apenas uma representação imaginária otimista por natureza. Afim de controlar por aspectos culturais comparamos o nosso ganho esperado de felicidade nos próximos cinco anos com os atuais. O brasileiro espera ganhar, segundo a pesquisa, 2.56 nos próximos cinco anos o que é superado por apenas dez países da amostra com destaque para o salto de felicidade dos chineses (3.04).

A renda PNAD cresceu de 16,4% no biênio 2005/06, 4,3 vezes maior que a velocidade do PIB per capita. Afinal, onde estamos, no Haiti ou na China?

Na média, o nosso crescimento econômico não é chinês, mas quais seriam os determinantes do otimismo tupiniquim? A redução da desigualdade desde 2001? Refração eleitoral em 2006?

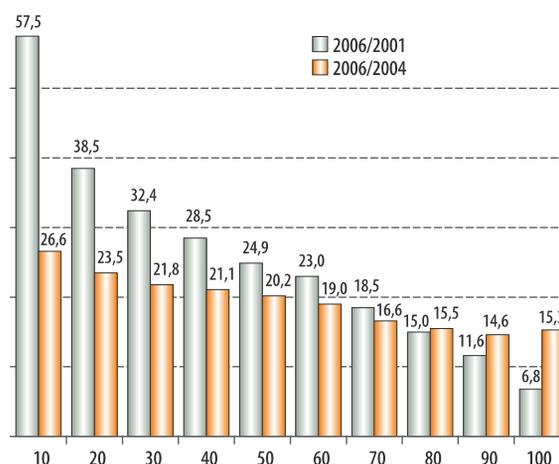
Apresentei acima evidências de expectativas positivas acerca da satisfação com a vida futura dos brasileiros. O Brasil seria numa amostra de 132 países, em 2006, aquele cujos cidadãos esperariam maior felicidade daqui a cinco anos. A felicidade prospectiva maior do mundo! Agora por que esperar tanto, se o nosso cenário econômico não se equipara aos de outros países emergentes? Ao ritmo das estatísticas das contas nacionais, e do PIB em particular, não seríamos verdadeiros BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), ou tijolos edificadores da riqueza global futura. Um candidato para explicar o descompasso entre expectativa e realidade tupiniquim seria o nosso otimismo. Embragados dele, o copo dos brasileiros estaria sempre meio cheio. Mas mesmo passando ao quesito nível, tirando a diferença do momento futuro frente ao atual, limpando os vieses psicológicos das perguntas subjetivas, o Brasil ainda se destaca equiparando a incrível marca dos chineses de salto de felicidade esperado. Agora se não estamos crescendo como os chineses, por que experimentamos um sentimento de prosperidade futura semelhante?

Paradoxo — A resposta que pretendo explorar aqui acerca do paradoxo da felicidade futura tupiniquim,

não é que o nosso crescimento parece chinês, mas que ele é chinês na prática (ou está chinês desde 2005). Faço isto à luz dos micro-dados das últimas PNAD do IBGE. Na verdade, já tínhamos alertado para o mesmo tipo de descompasso a partir da divulgação dos dados da PNAD de 2005. Transformando uma longa estória: as contas nacionais de 2005 e 2006 fornecem crescimento *per capita* acumulado do PIB de 3,84%! Sempre após o lançamento dos dados do PIB, a comparação que vem ao debate é a do crescimento haitiano. Na era de ouro que caracteriza o mundo desde 2001, crescer pouco como o Haiti e o Brasil das Contas Nacionais é andar para traz em termos relativos. Já o crescimento da renda domiciliar *per capita*, também excluindo o crescimento populacional, da PNAD no mesmo período foi de 16,4%, ou seja, quase 4,3 vezes maior do que o do PIB *per capita*, mesmo após a revisão para cima das Contas Nacionais. De toda forma, das duas uma: ou o Brasil está crescendo mais do que o PIB sugere, ou a pobreza não está caindo tanto quanto os celebrados números da PNAD apontam (23,9%).

Uma possibilidade de reconciliação para o divórcio estatístico estaria no crescimento nos componentes do PIB que não são captados na PNAD — movimentos do consumo descolados da renda que explicariam esta diferença. O problema é que esta explicação faz o paradoxo aumentar, e não diminuir. O *boom* do crédito direto ao consumidor

Brasil – Variação acumulada da renda real per capita por décimo (%)



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE.

aponta crescimento da despesa de consumo maior que o da renda PNAD. O problema aqui está na ordem de magnitude da discrepância observada. Se levarmos em conta diferenças entre o deflator implícito do PIB e o Índice de Preços ao Consumidor Amplo e as diferenças entre o PIB e a renda disponível podemos reduzir a discrepância PNAD *versus* Contas Nacionais, mas permanece em ¾ ou 300% do crescimento do PIB *per capita* à medida da nossa ignorância sobre quanto estamos crescendo.

A PNAD é um medidor direto do tamanho do bolso dos brasileiros, feito a partir da soma de nove perguntas diretas sobre o que as pessoas recebem em diversas fontes de renda. O fato é que a PNAD com sua amostra formada bem balanceada por mais de 400 mil respostas individuais, não passou por nenhuma mudança metodológica, nem o INPC utilizado na deflação deste cálculo. Os olhos puxados da estatística “pnadiana” se encontram refletidos em outros indicadores do biênio 2005/06 como a valorização do Ibovespa de 60%, em 2005 e 2006, o aumento das vendas do comércio de 11,8% e a geração de 4,6 milhões de novos postos de trabalho, em particular nos 2,5 milhões de novos empregos formais.

Colocam-se em perspectiva num prazo mais longo, a geração de postos de trabalho, juntando os 7,3 milhões de novos postos de trabalho formais e informais criados entre 2004 e 2006 da PNAD, com a estatística de emprego formal de 2007, similar ao recorde de 2004, quando geramos 2,7 milhões de postos de trabalho bons e ruins. Nos últimos quatro anos geraremos 10 milhões de postos de trabalho que coincide com a promessa de campanha de Lula nas eleições de 2002. Fora a defasagem de um ano, Lula pode se vangloriar de não só gerar muito trabalho, mas de ser preciso nas promessas de campanha. Deus mais do que brasileiro parece parente próximo do presidente em exercício. Brincadeiras à parte, ou a economia brasileira está gerando muito mais trabalho por unidade de PIB que corresponderia a uma forte retração na produtividade, ou o PIB está subestimando o crescimento da renda. Talvez a PNAD seja um indicador antecedente do PIB total de mais de 5% que desponta para 2007 o que seria consistente na direção, mas não na magnitude do crescimento mais robusto ora observado. É importante notar que este artigo discute as discrepâncias de 2005 e 2006, já que a PNAD-2007 só será conhecida posteriormente.

O gráfico 1 ilustra que o Brasil apresentou crescimento chinês para os mais pobres (e só para eles) entre 2001 e 2004 — medido pela diferença entre as barras —, mas que vive no biênio 2005-06, crescimento chinês para todos

Em pouco, Lula poderá se vangloriar de não só gerar muito trabalho, mas de ser preciso nas suas promessas de campanha

os estratos sociais.¹ O *boom* brasileiro recente seria de melhor qualidade que o chinês, pois vem acompanhado de maior equidade, enquanto a China vive uma crescente desigualdade similar a que vivemos durante o “milagre econômico” dos anos de 1960, bem detalhado no livro seminal de Carlos Langoni (*Distribuição de renda e desenvolvimento econômico do Brasil*). Outro paralelo com o Brasil da segunda metade da década de 1960 está nas liberdades políticas associadas a um regime democrático que nós vivemos hoje, e eles não. Crescer com regime político fechado é mais fácil no curto prazo, não no longo. No aspecto ambiental a China também tem se destacado como a ovelha negra (de fuligem), enquanto no Brasil, por influência de uma gestão conservadora do Ministério do Meio Ambiente, o crescimento é arrefecido, mas também por este motivo como nos outros aspectos citados seria mais sustentável. Em suma, o nosso crescimento chinês é melhor do que o deles. ▀

¹Este ponto foi inicialmente apontado já à luz da PNAD-2005 nesta seção em outubro de 2006. O sítio <http://www3.fgv.br/ibrecps/RET3/index.htm> permite estudar os detalhes sócio-demográficos do crescimento da renda da PNAD. Angus Deaton em “Measuring Poverty in a Growing World (Ou Measuring Growth in a Poor World)”, NBER working paper n. 9822, July 2003, mostra um efeito inverso ao apontado aqui de crescimento das contas nacionais para um grande número de países, entre eles a China, superior ao das respectivas pesquisas domiciliares.